



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

BACK TO THE FUTURE / 1985
REGRESSO AO FUTURO

Um filme de Robert Zemeckis

Realização: Robert Zemeckis / Argumento: Robert Zemeckis e Bob Gale / Fotografia: Dean Cundey / Efeitos Visuais: Industrial Light and Magic / Efeitos Especiais: Steve Suits, Kimberley Pike, Sam Adams, Richard Chronister e William Klinger / Música: Alan Silvestri / Orquestrações: James Campbell / Montagem: Arthur Schmidt e Harry Keramidas / Realizador de Segunda Equipa: Frank Marshall / Interpretação: Michael J. Fox (Marty McFly), Christopher Lloyd (Dr. Emmett Brown), Lea Thompson (Lorraine Baines), Crispin Glover (George McFly), Thomas F. Wilson (Biff Tannen), Claudia Wells (Jennifer Parker), Marc McClure (Dave McFly), Wendie Jo Sperber (Linda McFly), George DiCanzo (Sam Baines), James Tolkan (Strickland).

Produção: Amblin Entertainment, para a UNIVERSAL / Produtores Executivos: Steven Spielberg, Frank Marshall e Kathleen Kennedy / Cópia: digital legendada em português / Duração: 114 minutos / Estreia Mundial: Hollywood em 21 de Junho de 1985 / Estreia em Portugal: S. Jorge, Alfa, Amoreiras, Gemini em 19 de Dezembro de 1985.



Nota: texto original, escrito em 1987 no âmbito do ciclo *Coppola em Contexto*.

Se *Back to the Future* casa bem com *Peggy Sue Got Married*, é menos pela viagem no tempo que ambos apresentam do que pela matriz comum, que é o admirável *It's a Wonderful Life* de Frank Capra. E, mesmo assim, se há herdeiro natural do filme de Capra é o de Coppola (que, ao que parece, levou mesmo para o redil do autor de *Apocalypse Now*, algumas ovelhas negras que torciam o nariz, como o autor destas linhas), enquanto *Back to the Future* surge apenas como uma homenagem brincalhona, cheia de piscadelas de olho e apoiando-se no aparato técnico que está inteiramente ausente dos outros dois. Para começar pelas influências: lembremos que Steven Spielberg, o produtor deste filme, reivindica-se (e é de facto) o herdeiro de outros magos do cinema, magos no sentido direto da palavra, na medida em que souberam pôr toda a magia da técnica cinematográfica ao serviço, essencialmente, do espetáculo: (de De Mille a Disney, passando por Minelli) ligando-a a um

método narrativo baseado na clareza e simplicidade de meios que eram o apanágio de outros mestres por quem tem uma confessada admiração (de Ford a Capra). É, no fim de contas, todo o cinema clássico americano que é convocado para os trabalhos de Spielberg, quer como realizador (E.T.), quer como produtor (de Gremlins a Back to the Future). Logo a primeira sequência apela a toda uma memória cinematográfica que o espectador português não pode preencher da mesma forma que um americano. Este está constantemente recebendo informações desse cinema clássico pelas constantes exhibições desses filmes na televisão. Só nessa sequência se encontra o rasto de três filmes (pelo menos) de acesso razoável aos espectadores portugueses (para não falar do sem número de desenhos animados que exploram a situação das engrenagens complicadas e em que Disney e Tex Avery foram especialistas): a abertura de *An American in Paris*, no quarto de Gene Kelly, *The Electric House*, com todas as engenhocas inventadas por Buster Keaton e, naturalmente, pelos relógios, a oficina de Gepeto no *Pinocchio*. Mas fora deste aspeto de simples referência, esta sequência contém também um outro elemento que inscreve o filme diretamente na tradição desses clássicos, e dos filmes de Disney e Capra entre outros; é a vontade manifesta de reter o tempo, de se apoderar dele, de o controlar. Este ponto de partida não tem nada a ver com o revivalismo ou a nostalgia que abundam nos filmes de hoje. Esse desejo de controle é manifesto ao longo de toda a história do cinema, talvez pela própria natureza do filme: suporte material de um tempo que desapareceu.

A partir deste momento, o tom está dado, embora o filme de Zemeckis utilize apenas os pormenores anedóticos e, o que é o seu trunfo e a chave do êxito que o transformou num dos campeões de bilheteira de todos os tempos, joga com o permanente contraste entre os dois anos em causa (1955 e 1985), conquistando a cumplicidade dos espectadores novos e menos novos, que se reconhecem nos costumes e na linguagem. É essa cumplicidade que torna suportáveis, no que têm de ingénuo, algumas brincadeiras do filme, como McFly, no baile final, "inventar" ou "dar a deixa" a Chuck Berry para o Rock'n'Roll, ao interpretar no palco o "Johnny B. Good", ou aquela que é um puro elemento de ação, no skate improvisado por McFly na fuga ao bando de Biff. No fim de contas, o argumento é duma simplicidade quase infantil, que não tem nada a ver com a simplicidade de Peggy Sue... e de It's a Wonderful Life, onde essa viagem no tempo é algo mais que um simples passeio turístico. McFly dá logo o tom, quando o professor Brown (uma figura delirante na linha dos grandes sábios loucos em que o cinema é prolífero, criada por Christopher Lloyd) começa a preparar a viagem de regresso ao futuro. Trata-se de aproveitar a semana para dar um passeio por 1955. Só que nesse passeio, McFly vai provocar acidentalmente algumas alterações na história, ao contrário de outros seus émulo que se limitaram a testemunhar os factos não ousando interferir ou, quando o tentam, encontrarem-se diante da inelutabilidade do tempo histórico fixado (lembra-se de um episódio da Twilight Zone em que um homem do "presente" tentava evitar a consumação do assassinato de Lincoln?). Este é outro dos aspetos que pessoalmente acho deveras curioso neste simpático e divertido {mas, valha a verdade, pouco importante) filme. Porque ele corresponde a um desejo latente que as pessoas sentem por uma nova oportunidade, especialmente aquelas que acumulam fracassos. Se McFly está em vias de desaparecer por ter interferido entre os seus pais, impedindo o curso real da história, é, com o apoio que dá à sua reunião que vai alterar o destino deles, conforme observa espantado ao regressar ao "presente". Há nesta situação uma vaga sublimação do conflito edipiano. (desculpem o palavrão, mas ele justifica-se perfeitamente, se quisermos encarar o filme para além da simples anedota) e também, uma mostra da forma ideal para resolver o conflito de gerações: é num espírito de camaradagem e de igualdade que os problemas se resolvem e a idade não é prova insofismável de se ter ou não razão.

À parte estes devaneios, *Back to the Future*, é essencialmente, uma divertida e movimentada comédia, uma terna paródia a uma era em que o Rock ia nascer rodeado pela fobia das invasões do espaço. A referência histórica não passa destes pormenores, mas não era outra, a intenção de Zemeckis e do seu cúmplice Bob Gale ao escreverem o argumento.

Manuel Cintra Ferreira